

SIGNORINI, Inês (org.). Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2022. 150 p.

Fabiola CAMBRUSSI¹

Athany GUTIERRES²

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v20i2.3534>

A propagação de desinformação e de discursos de ódio amplamente potencializada pelas atuais condições tecnológicas de comunicação, com alcance global, tem reverberado práticas de linguagem persecutórias e discriminatórias (especialmente contra minorias políticas e sociais), teorias negacionistas (e, em grande parte, conspiratórias) e fundamentalismos religiosos, ideológicos ou políticos, também impulsionados pela ascensão recente da extrema-direita. O modo como a linguagem é mobilizada em práticas de ódio cibernético como essas, especialmente no contexto brasileiro, é o tema central do livro *Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities*, organizado por Inês Signorini. A obra, de publicação recente e em língua inglesa (2022), pela Cambridge Scholars Publishing, além de ter relevância e atualidade temática, reúne um conjunto formado por pesquisadoras e pesquisador de destaque acadêmico, de diferentes centros de pesquisa nacionais, e cumpre o papel de contribuir para a internacionalização de pesquisas interinstitucionais produzidas no Brasil e apresentadas por ocasião da 17ª Conferência Internacional de Pragmática, realizada em 2021.

A coletânea é dividida em duas seções e seis capítulos, além de introdução e posfácio. Na primeira seção, os textos problematizam estratégias retórico-discursivas empregadas para produção de enquadramentos sociais na constituição dos discursos de ódio originados no ciberespaço. A segunda seção do livro está estrategicamente planejada para abordar possibilidades de resistência à dinâmica cibernética discutida

1 Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina, Brasil; morganacambrussi@yahoo.com.br; <https://orcid.org/0000-0002-7061-6981>

2 Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina, Brasil; athany.gutierrez@uffs.edu.br; <https://orcid.org/0000-0003-3625-4240>

- | Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities (resenha)

e caracterizada na primeira seção, com foco para os movimentos feministas. Logo na introdução da obra, Signorini apresenta os três fatores centrais que estão por trás do que a autora denomina como *infodemia* (epidemia de informações) relacionada aos discursos de ódio – a confrontação político-ideológica e social fomentada pela extrema-direita no Brasil, desde 2018, a emergência sanitária pandêmica de COVID-19, instalada a partir de 2020, e a necropolítica resultante do negacionismo da pandemia pelas autoridades federais. Essas três matrizes da retórica do ódio constituem uma espécie de elo para as discussões dos diferentes autores que colaboram com a coletânea e serão abordadas transversalmente no livro, de modo complementar nos diferentes capítulos.

Persuasion maneuvering by a far-right Brazilian media outlet, capítulo inicial escrito por Heronides Moura (UFSC), diferencia *persuasão* de *manipulação* e apresenta uma análise contrária à concepção de que os discursos de ódio da extrema-direita seriam manipulativos. Segundo o autor, para que possam ser considerados como estratégias de manipulação, esses discursos devem estar alicerçados em elementos (fatos, argumentos, correlações) passíveis de alguma razoabilidade. Ao analisar conteúdos de um *site* de notícias de extrema-direita, Moura demonstra que a avaliação dos discursos midiáticos identificados nesse veículo precisa ser pautada por um ponto de vista ético e sustenta que, na verdade, esses discursos são persuasivos e não manipulativos. Conforme se desenvolve no capítulo, a retórica empregada pelos meios de comunicação da extrema-direita brasileira durante a pandemia de COVID-19 pode ser analisada a partir dos reenquadramentos produzidos (mudança de *frame*) e das construções gramaticais empregadas em seus discursos. No caso investigado pelo texto, o autor demonstra que a estratégia discursiva não era pautada na negação do vírus ou da pandemia, mas na criação de outra perspectiva para esses elementos, assumidos como fenômenos sociais de alcance econômico e político. Além de mobilizar teorias sociocognitivas para fundamentar a análise, Moura detalha os movimentos retóricos que, no discurso, vão produzindo a desvinculação sanitária do debate acerca da pandemia e movimentando esse debate do campo biológico para o campo social, próprio da política e da economia.

O segundo capítulo, *Mappings and metaphorical scenarios in Facebook discussions about de Brazilian vaccine “crises”*, escrito pela organizadora da coletânea, Inês Signorini (Unicamp), examina as interações por meio do Facebook entre a página oficial do ex-presidente Jair Bolsonaro e seus seguidores (incluídos os *bots*) em torno da crise da vacina envolvendo a imunização contra COVID-19 no Brasil – cujas tensões se intensificaram no recorte temporal analisado, de outubro a dezembro de 2020. A autora aprofunda a discussão em torno da propaganda ideológica antivacina e da circunstância polarizada dos debates acerca da imunização, tomando como base o conceito de cenários e de

conceptualização metafórica. Como destaca Signorini, as estratégias de enquadramento empregadas entre os extremistas de direita compreendiam a pandemia de COVID-19 como uma ameaça política e não uma ameaça de saúde pública; complementarmente, a vacinação era assumida como um problema de governo, de natureza política e econômica, e não como uma solução política e econômica para a pandemia. Esse modo de conceptualização metafórica da pandemia e da vacina, alerta Signorini, era induzido pela administração da página na rede social por meio da criação de cenários (ou narrativas) que definiam e conduziam o foco e o fluxo da comunicação. Esses cenários também engajavam os seguidores da página do ex-presidente em uma guerra de natureza política e religiosa, com forte influência do fundamentalismo neopentecostal, contra inimigos reais (ex., o vírus) e irrealis (ex., comunismo).

Fechando a primeira seção, o capítulo *Cyberhate within a deaf network on social media*, de Aryane Santos Nogueira (Unicamp), introduz a discussão sobre como o discurso de ódio na internet pode ser visto também como uma prática de linguagem discriminatória de sujeitos surdos. O estudo foi realizado com base em uma publicação e em seus comentários de resposta à postagem realizada na página oficial e pública mantida na rede social Facebook pela Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Governo Federal em 2020. Nas interações da postagem, a autora analisa o processo de desqualificação linguística de pessoas surdas como o início da prática de ódio que culminará em uma atitude ainda mais agressiva, com o ataque direto à intelectualidade dos sujeitos. Entre as ofensas registradas nos comentários de ódio, pessoas surdas são consideradas em uma escala de inferioridade mental ou como sendo mentalmente doentes. Além da discriminação linguística e da desqualificação pessoal por meio das humilhações públicas no espaço virtual, Nogueira aprofunda a reflexão ao considerar que a cultura do ódio disseminada no ciberespaço afeta as pessoas surdas de modo acumulativo, como um duplo alvo, ao incidir sobre o ataque político-ideológico e também sobre as condições de existência da pessoa com deficiência; esse aspecto revelaria a interconexão existente entre a experiência discursiva *on-line* e os contextos não virtuais sociopolítico e sócio-histórico onde também estão marcadas as relações hierárquicas de linguagem, pelas quais se fazem valorações negativas e discriminatórias de aspectos sociolinguísticos das comunidades surdas.

No capítulo que introduz a segunda seção da obra – *Cyberhate, verbal violence and reflexivity in the Covid-19 pandemic's scenario in Brazil* –, é a população *queer* o alvo de práticas de linguagem discriminatórias e propagadoras de ódio cibernético. Anna Christina Bentes (Unicamp) e Edwiges Morato (Unicamp) examinam as consequências dos discursos homofóbicos e imprudentes do então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro,

proferidos ao longo do ano de 2020, acerca da situação da pandemia de COVID-19 no país. Tais discursos, construídos estrategicamente a partir de informações genéricas sobre a pandemia para servir aos interesses de grupos políticos e econômicos no poder, associam ações preventivas de segurança em saúde como sendo “coisa de viado” (no inglês, “*queer thing*”), já que o vírus não passava de uma “gripezinha”, e dicotomizam os papéis sociais desempenhados no cenário da pandemia (“corajosos que enfrentaram o vírus sozinhos” *vs.* os que seguiram as recomendações científicas, “os fracos”). Para Bentes e Morato, o modelo de flexibilidade (compreensão do mundo social) promovido pelo ex-chefe de Estado foi efetivo, pois legitimou a violência verbal durante a pandemia, projetando práticas e relações sociais propagadoras de ódio, normalizando os efeitos letais da COVID-19 e desresponsabilizando o governo pelo incremento vertiginoso no número de mortes em 2021. A reação da sociedade brasileira, especialmente dos movimentos nas redes sociais (#CoisadeViado) desencadeados pela população diretamente atacada, lutam para ressignificar a expressão violenta inculcada por Bolsonaro para um perfil socialmente valorizado, associado à educação científica, ao cuidado e à empatia.

O capítulo 5, *Cyberhate and feminist activism in times of political polarization*, de Fabiana Biondo (UFMS) e Clara Dornelles (Unipampa), traz à pauta os enquadramentos (*frames*) sobre o(s) feminismo(s) no período de eleições presidenciais no Brasil em 2018. As autoras analisam comentários feitos em postagens sobre feminismo na página do Instagram “Quebrando o Tabu”, de caráter predominantemente progressista. As doze postagens selecionadas para análise, que compuseram uma amostra de mais de onze mil comentários durante o período da pesquisa, evidenciaram, não surpreendentemente, uma compreensão polarizada sobre o tema: uma posição pró-feminista, alinhada ao conteúdo da página; e outra, contrária ao feminismo, não alinhada às postagens da página, tampouco aos comentários que as sustentam. Biondo e Dornelles propuseram dois enquadramentos ao *corpus*: (i) o feminismo diretamente relacionado a partidos políticos (pró-feminismo como sendo de esquerda, contra-feminismo, de extrema-direita); e (ii) o feminismo como um movimento extremista de mulheres não femininas que odeiam homens. Mais uma vez, observa-se o dualismo radical inerente às generalizações infundadas (“mulheres de verdade” *vs.* “mulheres feministas”; “homens” *vs.* “mulheres”; “nós” *vs.* “eles”), gerador de “verdades” que deslegitimam subjetividades próprias às várias facetas do feminismo e desconsideram outros fatores que se entrecruzam na construção dessas identidades, tais como elementos raciais, econômicos, étnicos e de sexualidade etc. O ódio expresso nas postagens, que tentou suprimir os aspectos positivos dos movimentos feministas no Brasil e acentuou a tensão política esquerda *vs.* extrema-direita, é decorrência do “efeito manada” típico das redes sociais. Embora tenha se observado uma defesa sutil de certos valores políticos e sociais, principalmente aqueles relativos à igualdade entre gêneros,

as autoras alertam para a necessidade de ampliação do debate para uma perspectiva menos universalista, geradora de estereótipos, e mais pós-modernista, com potencial para analisar o(s) feminismo(s) como um tema complexo e multifacetado.

Inverting the values of offensive attacks against a political persona, capítulo 6, de Ana Amélia Calazans da Rosa (UFTM) e Júlia Lourenço Costa (UFSCar), demonstra como o ódio cibernético, cujo alvo majoritário são as mulheres (95% dos ataques mundialmente), pode ser combatido por meio da estratégia de “ressignificação”. Duas publicações ofensivas contra a jornalista brasileira e ativista política, Manuela D’Ávila, constituíram os objetos de análise deste estudo. Trata-se de discursos de ódio proferidos em redes sociais (Facebook e Instagram), publicados no período de eleições presidenciais em 2018, quando Manuela concorria à vice-presidência do Brasil com Fernando Haddad. Rosa e Costa reportam que tais publicações, de conteúdo verbal e não verbal, contêm atributos misóginos (exposição de seu corpo por meio da vestimenta, das tatuagens e das olheiras manipuladas em sua imagem; assédio sexual e *bullying*, desqualificação religiosa) e político-ideológicos (ataques contra o PT, o comunismo e outras afiliações aos partidos de esquerda). Como resposta, a jornalista publicou uma foto que exhibe as suas verdadeiras tatuagens (em maior quantidade, inclusive, do que aquelas da foto manipulada), com uma legenda sensível que aborda arte, feminismo, maternidade, resistência, personalidade. A atitude de Manuela frente ao ódio cibernético, conforme analisam as pesquisadoras, evidencia uma estratégia de reação que inverte os valores dos ataques, resignificando-os e empoderando mulheres à resposta sem silenciá-las ou censurá-las.

Fechando a obra, Jacob Mey (University of Southern Denmark, Odense) assina o posfácio do livro (*A personal afterword*) recuperando a relevância da obra organizada por Signorini e destacando o quantitativo de mulheres que produziram os estudos em *Language Practices* (aproximadamente 90% das pesquisas da coletânea). Ao revisar sucinta, mas cirurgicamente, os pontos fundamentais de cada capítulo (dados empíricos sobre ódio cibernético dirigido a instituições científicas, surdos, mulheres, população LGBTQX+), Mey ressalta a potência das análises realizadas em direção à luta por igualdade social, política e sexual, no Brasil e para além dele. Para o autor, a obra transmite uma mensagem de encorajamento e realça a confiança nas pessoas que acreditam na “decência humana”, ao invés da mera “ordem e progresso”.

É imensurável o prejuízo social causado nos últimos anos pela confrontação político-ideológica e social fomentada pela extrema-direita no Brasil; pela produção acelerada de desinformação, de descrença nas instituições e na ciência; pela propagação de ódio sob todas as suas formas, particularmente a cibernética. *Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities* reúne amostras de discursos de ódio impulsionados

- | Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities (resenha)

por uma postura irracional e irresponsável do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, analisados e sustentados cientificamente por um corpo de pesquisadores altamente especializados para examinar as nuances e consequências desses ataques, característicos da extrema-direita brasileira. O registro científico dos tempos nefastos que vivemos no último quadriênio está aqui documentado, cientificamente, para que esses tempos não sejam apagados da história e para que possam ser combatidos com conhecimento e solidariedade, por um futuro mais seguro, respeitoso e equitativo para todes.

COMO CITAR ESTA RESENHA: CAMBRUSSI, Morgana Fabiola; GUTIERRES, Athany. Resenha da obra de SIGNORINI, Inês (org.). **Language practices of cyberhate in unfolding global and local realities**. Newcastle upon Tyne, UK: Cambridge Scholars Publishing, 2022. **Revista do GEL**, v. 20, n. 2, p. 289-294, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>.

Submetido em: 15/06/2023 | Aceito em: 24/06/2023.
